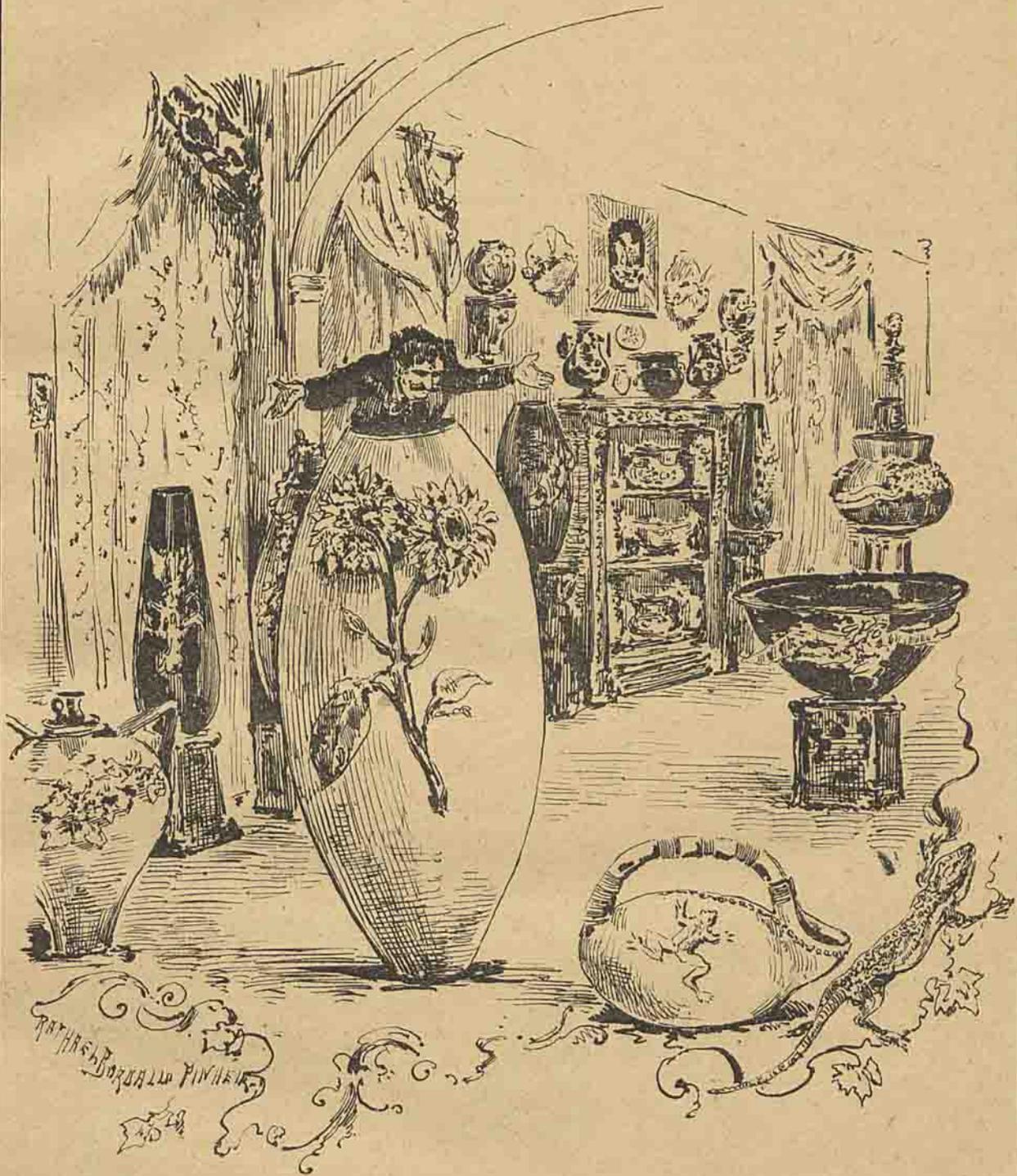


A EXPOSIÇÃO DA FABRICA DE FAIANÇAS DAS CALDAS DA RAINHA  
NAS SALAS DO COMMERCIO DE PORTUGAL.



A forma amabilissima com que o publico e a imprensa acolheram aquelles trabalhos, envergonhamos de maneira que estamos da côr das nossas ceramicas lagostas!

Sobre a exposição que — representando o que quer que seja de artistico — tem direito a um lugar no nosso jornal, não podemos dizer senão *cobras e lagartos*, já porque estes bichos são uma das nossas especialidades em loiça, já porque «louvor em bocca propria é sempre vituperio».

**THEATRO DE D. MARIA**  
*Sabbado 20 de fevereiro*  
**FESTA ARTISTICA DE AUGUSTO ROSA**



Pela audição do *D. Cezar de Bazan* reconhecer-se-ha que houve duas vocações torcidas: Augusto Rosa nasceu para *D. Cezar de Bazan*; *D. Cezar de Bazan* dar-se-hia por feliz se tivesse nascido Augusto Rosa.

**THEATRO DE S. CARLOS**  
**A GIOCONDA**



Um scenario de tal ordem que é peça que se pôde ouvir gostosamente ainda que se seja surdo; o que é preciso é não ser cego...  
**Bravo! Manini!**

As dimensões restrictas do jornal e a quantidade dos assumptos obrigam-nos a mettermos n'uma só pagina dois successos que nos merceiam muito mais.

Desculpem, mas é assim que se faz no scio das familias em dia de jantar d'annos: todos ficam apertados á meza... Como, porém, a companhia é mutuamente bôa, não terão rasão de queixa...

## CHRONICA

Os governos do nosso paiz são como os carros americanos: arrastam-se pesadamente, dolorosamente, mas enfim, mais dia menos dia, lá chegam ao termo da carreira.

Não ha situação que não tenha o seu Algés, o seu Intendente ou o seu Príncipe Real onde encontre o extremo da linha.

O sr. Fontes, porem, descobrira o meio de evitar esse extremo fazendo-se conductor n'um carro da circulação.

Assim, a jornada seria eterna, se o garoto do Bailio não lhe tivesse collocado nos rails o pedregulho de Braga e Guimarães, por sobre o qual o carro da governação não poudé saltar, do que resultou sair da linha, obrigando a cair as bestas e fazendo empallidecer de medo a maioria dos passageiros—ou seja antes os passageiros da maioria...

O citado pedregulho complicava, ao que parece, com o proximo casamento do principe herdeiro, por onde se conclue que o carro da circulação descarrillou na linha do *Príncipe Real*...



Com a agitação que lavra pelo paiz o grande homem receiava muito que os ares se entroviassem e que chegasse até a correr sangue por occasião do casamento do principe real.

E lá isso é que elle não queria que corresse, porque a menor pinga d'aquella materia podia manchar-lhe para todo o sempre o seu dolman bordado e flamante como uma antiga colcha da India.

O sr. Fontes viu-se pois entalado entre a cruz da demissão e a caldeirinha do sangue fresco.

Optou pela cruz, mas só elle sabe as lagrimas que chorou para se resolver a botal-a ás costas!...

Antes de opinar por essa resolução, mais difficil de tomar de que meia canada de ruibarbo, o sr. Fontes fez tudo quanto poudé, no proposito de convencer o sr. Hintze a que desistisse de arrastar o ministerio ao Vale Escuro.

A queda do ministerio não podia ser mais dolorosa para o sr. Fontes de que no momento actual.

Não que lhe importasse o chibalau que ia apanhar a sua fiel maioria; porque o sr. Fontes, do alto do seu pedestal, considera tanto a citada maioria como os pintasilgos, do alto seu polciro, consideram o fundo movedição da gaiola...

Mas, caindo o ministerio, já s. ex.<sup>a</sup> não pôde, como fizera contas, mostrar o seu garbo de principe de sangue e o seu capacete de plumas de arara nos festejos do casamento do principe seu collega!

E foi por causa d'isto que o sr. Fontes se lançou aos pés do sr. Hintze, pedindo-lhe pelas alminhas dos seus defuntos que deixasse estar o governo tem-te não caias pelo menos até ao dia do nó cego no matrimonio do principe presumpto.

—O' collega! dizia-lhe elle com a voz entremeada de seluços; tenha dó e compaixão d'um pobre aleijadinho que não o pode ganhar...

E punha as mãos e as pernas como o sr. marquez de Vallada, a fingir que estava aleijadinho.



Mas o Hintz ficava de cal e arcia.

—Olhe que eu morro de ralação se não mostro o dolman no casamento do principe!... Não mi matis, não mi ralis...

E o Hintze, de pedra!

—Ora veja se esta formosura pode ficar no fundo do bahu! e mostrava-lhe o rico dolman.



E o Hintze de granito!

—Se estas plumas podem ser relaxadas á traça do cabide! e apresentava-lhe o capacete de plumas.



E o Hintze de pedrencia!

E mostrou-lhe tudo, desde as vestes exteriores até os segredos mais reconditos da sua fina roupa branca; mas o Hintze tanto mais inabalavel quanto abalado elle sentia o dente historico dos trambulhões ministeriaes!



E foi assim que elle caiu, aniquilado pelo proprio filho que aealcentara em seu seio!

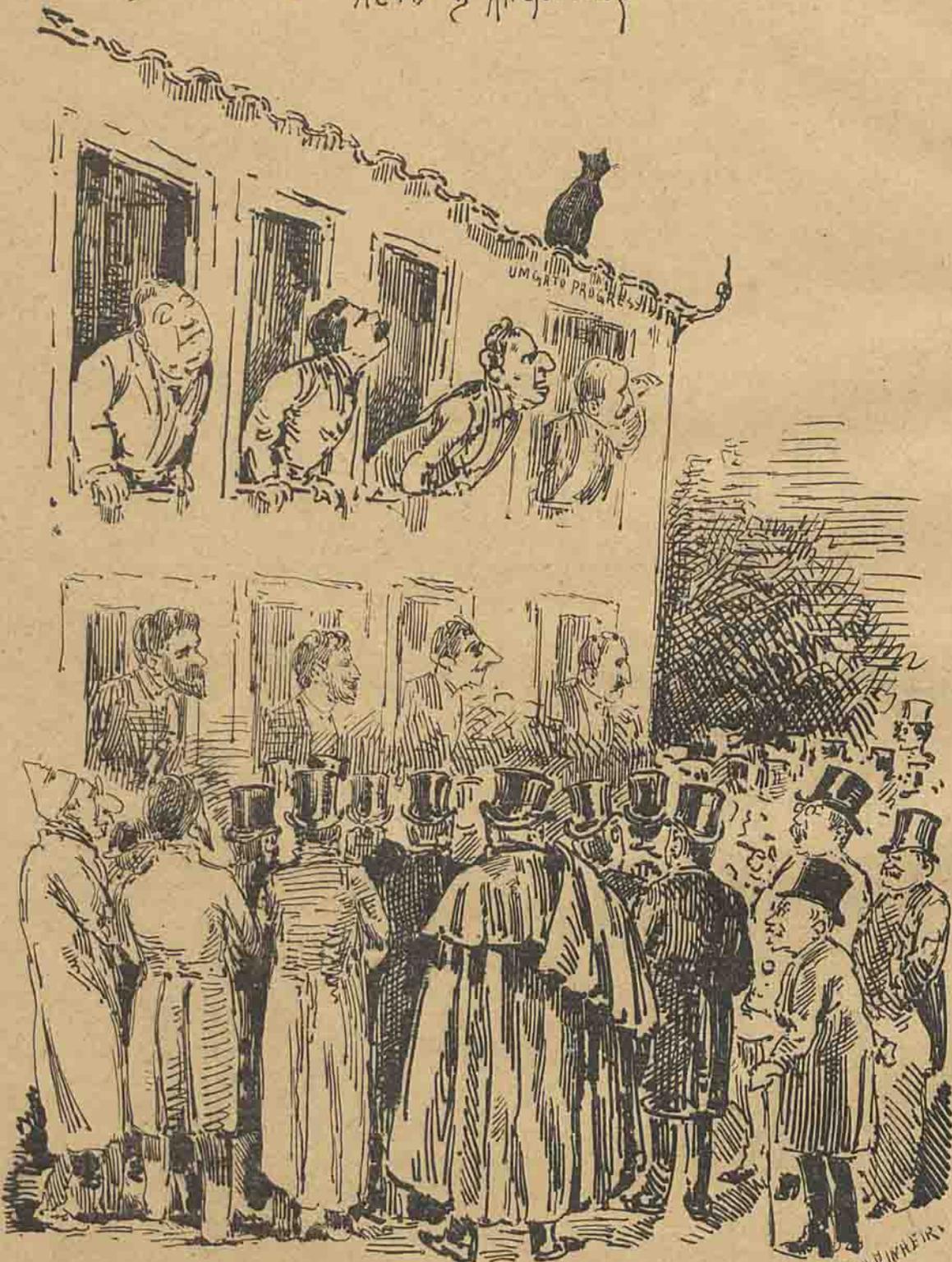
Nós já lh'o haviamos prognosticado: aquelle *mancebo*, que augmenta os impostos do pão para aliviar os da *piteira*, é como o filho da citada piteira: cresceu para matar a mãe!...

# A MORTE DE GOLIATH



PELA CERTEZA FUNESTA DA PEDRADA  
BEM SE VÊ SER DE «MÃO EXPERIMENTADA...»

# A' ESPERA DA PASTA E DO CORREIO ACTO D'ANGUSTIAS



CORO DE TODO O PARTIDO

SOU EU..... SOU EU..... SOU EU..... SOU EU..... SOU EU.....

## TODO LOIÇAS!

O Bordallo meu collega,  
Das loiças posto ao trabalho,  
Tem apanhado uma esfrega  
Que o deixou feito um frangalho!

E' mister metter empenho  
P'ra que nos falle e nos oiça,  
Não tem tempo p'ra o desenho,  
Todo é barro, todo é loiça!

Nem sequer fuma um cigarro,  
Nem já dá tanto á t'ramela!  
Anda tão mettido em barro  
Que terá d'ir á barrella...

Sempre fixo o pensamento  
Em jarras, potes e tal,  
Não dispõe d'um só momento  
P'ra pensar cá no jornal!

Só é loiça presta cultos,  
E, co'a cabeça ás aranhas,  
Vê os nossos grandes vultos  
Sob as formas mais estranhas!

Que pintasse o Fontes caro  
Mostrei-lhe ha pouco desejo;  
Accedeu; porém, reparo...  
Desenhava um caranguejo!...

Que pintasse o Gabriel  
Suppliquei-lhe de mão posta;  
Agarrou penna e papel,  
Deu favoravel resposta.

Por longo tempo trabalha,  
E ao cabo de tal canceira,  
Tinha pintado uma talha  
—Sem buraco p'ra torneira!

Em seguida suppliquei,  
Muito humilde e delicado,  
Desenhasse o nosso rei,  
Como o tem já desenhado.

Toma o lapis com empenho  
E, n'um prompto, n'um virote,  
Lança ao papel no desenho  
Em lugar do rei... um pote!

—Bordallo! pinte o Bailio!  
—Vou pintar. Verá que acerto...  
E afinal só conseguí  
Pintar um prato... coberto!

E, tentando inda outra vez  
Desenhar-lhe a effigie véra,  
Pinta, em logar do marquez  
Uma travessa... (da Espera!!!)



PAN-TARANTULA.

## SALA DA TRINDADE GRANDE CONCERTO - DOMINGO 21



Johannes Wolff.



Mathilde Sinay. Virginia Sinay.

Um rabequista, uma rabequista e uma pianista notabilissimos.

Foram-nos apresentados pelo sr. barão de Marajó, que era já para nós um bom amigo e um cavalheiro distinctissimo, e a quem agora ainda mais queremos, na sua qualidade de Moysés d'aquelle duplo Sinay.



1.º deputado:—Então que me diz ás medidas de rasoira cá do ex-patrão da fazenda?

2.º deputado:—Uma maravilha! Até aqui andavamos sempre a metter a mão na algibeira para pagar um sem numero de contribuições; agora o fisco levamos tudo d'uma assentada:—é uma grande economia para o contribuinte...

1.º deputado:—Economia em quê?!

2.º deputado:—Ora essa! No forro da algibeira: quanto menos se lhe mecher menos se rompe...

# NA ARCADEA



LE ROI EST MORT  
VIVE LE ROI

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO